

# O Complexo de Édipo e suas múltiplas interpretações<sup>1</sup>

Josemara Carvalho de Oliveira<sup>2</sup>

## RESUMO

Este estudo se constitui como um exercício de compreensão do Complexo de Édipo em Psicanálise. Acreditando ser o complexo edípiano universal e o principal estruturador do psiquismo humano, Freud parece ter encontrado aí a base principal para construir o edifício teórico da psicanálise. No entanto, na atualidade, uma crescente importância às fases mais precoces do desenvolvimento humano tem se intensificado desde as contribuições de Melanie Klein, inclusive acerca do Complexo de Édipo. Nesse sentido, surge o desejo de investigar o percorrido do Édipo, sua descoberta e aplicação por Freud, além da questão sexual como a conhecemos, perpassando o estudo da antecipação cronológica do período edípico proposto por Klein e incluindo o pensamento de Bion, que se propôs a estudar outros elementos contidos na narrativa. Propõe-se pensar a evolução do conceito de Complexo de Édipo e sua relevância teórica a partir da visão e pensamento dos autores citados.

**Palavras-chave:** Complexo de Édipo. Freud. Klein. Bion.

No oculto do ventre, o feto se explica como Homem:  
em si mesmo enrolado para caber no que ainda vai ser  
Corpo ansiando ser barco, água sonhando dormir,  
colo em si mesmo encontrado

---

1 Este trabalho recebeu a orientação, o incentivo e a generosa interlocução de Maria de Lourdes Foster.

2 Psicóloga, psicanalista em formação na Escola de Psicanálise do CEPdePA.

Na espiral do feto, o novelo do afecto  
ensaia o seu primeiro infinito.

Mia Couto

## INTRODUÇÃO

Como qualquer outro ramo do conhecimento humano, a psicanálise se organiza em torno de alguns conceitos básicos e originais, que lhe conferem uma identidade própria. Alguns são centrais, como o Complexo de Édipo. O mito de Édipo, tal como foi magistralmente escrito por Sófocles na sua tragédia teatral *Édipo Rei*, ganhou uma perene e universal relevância pelo fato de que inspirou Freud a estudar este mito em termos de como o inconsciente realizou o desejo que habita o psiquismo de uma criança de matar o rival pai e possuir a mãe.

O leitor provavelmente percebeu, em particular aquele conhecedor do universo psicanalítico, não ser esta uma ideia nova, uma vez que as desventuras de Édipo já foram alvo de muitos escritos. Apostamos, contudo, que tal característica, ao invés de simplificar a amplitude da tarefa, forneça-lhe contornos bastante promissores. Afinal, entendemos que a riqueza do tema em questão possa representar a atualidade de novas e recorrentes investidas.

Apresentar a complexidade do complexo de Édipo em poucas palavras, ou páginas, é muito difícil, senão impossível, diante do volume e da grandeza do que Freud realizou como cientista excepcional. No entanto, a experiência de estudo do mito, no decorrer deste ano, seu uso teórico por Freud e as contribuições de Klein e Bion ao conceito foram o disparador para a escolha do tema. Segundo Bion (2000), o mito é o sonho da humanidade, e o sonho, o mito do indivíduo. Se os mitos, assim como os sonhos, traduziriam o oculto mundo de fantasia do homem, matriz de seu ser e de sua história, pode-se pensá-los como tendo função de organização do psiquismo humano? Para Azoubel Neto (1993), o mito tornou-se, ao longo do tempo, um fenômeno psíquico inconsciente. Nos povos primitivos, os mitos conservam-se mais ou menos em estado de origem e são transmitidos pela força da tradição, seja ela verbal ou não verbal. Nos povos civilizados, os mitos também conservaram suas características básicas, muito embora

os rituais pré-fixados tenham sido modificados ao longo do tempo, descaracterizados, confundidos e diluídos na complexidade da vida moderna.

Freud fez referência ao mito como sendo uma lenda da antiguidade que chegou até nós. Ele acrescenta:

[...] uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome (FREUD, 1900, p. 287).

Azoubel Neto (1993) parece concordar com Freud quando refere que a lenda constitui o relato de um mito, no entanto ele acrescenta que as lendas costumam ser restos do que ficou dos mitos, contados e recontados através dos tempos. Recolhe-se aquilo que sobrou e chegou até os dias atuais, onde restam retalhos, fragmentos, do que foi um dia uma história original. O mito, pela sua característica de atemporalidade, continua presente em todas as lendas, o que quer dizer, no cotidiano da vida de cada homem. Características que possibilitam constantes e permanentes ampliações do mito ao longo da história, que, se acredita, favoreçam com que cada pessoa registre e relate o seu mito a partir de sua subjetividade.

## O CONCEITO DE COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD

De acordo com Freud, todo ser humano deve sua origem a um pai e a uma mãe, não tendo como escapar dessa triangulação que constitui o centro do conflito humano. Essa triangulação perpassa por toda a vida do sujeito, sendo esse acontecimento que definirá a estrutura psíquica do indivíduo. O complexo de Édipo constitui uma das problemáticas fundamentais da teoria e da clínica psicanalítica, não sendo somente o complexo nuclear das neuroses, mas também o ponto decisivo da sexualidade humana, ou melhor, do processo de produção da sexuação.

A hipótese da importância da cena edípica na trama da subjetividade aparece cedo na teoria freudiana. Em 1896, em uma carta a Fliess (carta 50), Freud conta

um sonho que ocorreu logo após a morte de seu pai, Jakob Freud. Sobre a morte do pai, Freud escreve a Fliess sentir-se desenraizado, com uma tristeza excepcionalmente intensa, porém excepcional também foi a forma como ele a empregou para um uso científico, distanciando-se um pouco de sua perda e, ao mesmo tempo, reunindo material para suas teorias. Assim, observando os conteúdos das cartas subsequentes, é possível inferir que na carta 50 já se apresentavam os primórdios do pensamento freudiano sobre as questões edípicas. O sonho apresenta a culpa em relação ao pai, mais especificamente a culpa por não ter cumprido um dever. No entanto, a primeira menção da problemática edípica ocorre no rascunho N que segue a carta 64, datada de 31 de maio de 1897.

Na carta 64, Freud anuncia um pressentimento de que em breve descobrirá a origem da moralidade, e segue apresentando um sonho que se refere a sentimentos “supercarinhosos” para com sua filha mais velha, Mathilde. Finaliza a interpretação deste sonho dizendo: “O sonho, é claro, mostra a realização do meu desejo de encontrar um pai que seja o causador da neurose e, desse modo, pôr fim às dúvidas que ainda persistem em mim sobre o assunto” (FREUD, 1950, p. 304). Conta ainda outro sonho em que subindo uma escadaria, com grande agilidade, uma mulher subia atrás dele com uma sensação concomitante de excitação erótica. Sonhos que, mesmo já anunciando desejos incestuosos, ainda pareciam ser algo embrionário na mente cientista de Freud.

Já no rascunho N aparece a ideia de hostilidade contra os pais como elemento integrante da neurose, onde Freud diz: “parece que este desejo de morte, no filho, está voltado contra o pai e, na filha, contra a mãe” (FREUD 1950, p. 305). E esta talvez seja a primeiríssima indicação do complexo de Édipo que emergiu por completo na carta 71, uns cinco meses depois. Nesta última é possível encontrar a primeira referência direta ao mito transposto por Sófocles como *Oedipus Rex*. Aqui Freud considera, a partir de sua própria história, a paixão pela mãe e o ciúme do pai como um evento universal do início da infância (FREUD, 1950, p. 314).

A discussão sobre Édipo reaparece na Interpretação dos Sonhos na seção intitulada “Sonhos Sobre a Morte de Pessoas Queridas” (seção D, capítulo V), em que podemos acompanhar uma linha de equiparação entre sonhos, desejos inconscientes, desejos infantis e o Édipo. O filho está voltado contra o pai e a

filha contra a mãe. Possível considerar também a descrição feita por Freud no “Caso Dora” (1905), onde a atração da jovem pelo pai desempenhava importante papel na sua vida pulsional. À sua produção teórica da época podem ser acrescentados ainda os seguintes trabalhos: “Sobre as Teorias Sexuais da Criança” (1908), “Romances Familiares” (1909) e “Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos” (1909).

O termo “Complexo” refere-se a uma palavra que, segundo Freud, Jung tornou indispensável. Tal influência fora anunciada no texto “As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica” (1910), onde diz que nos pacientes masculinos a maioria das resistências ao tratamento parece derivar-se do complexo paterno e expressar-se no medo ao pai, desobediência ao pai e desavença do pai. Aqui se pode fazer um paralelo entre a carta 50 (sonho após a morte de seu pai e culpa por não ter cumprido um dever) e a seção C do capítulo V de *A Interpretação dos Sonhos*, em que Freud explora mais o sentimento de culpa presente no sonho, relacionando-o com o desejo infantil da morte do pai.

A expressão “Complexo de Édipo” apareceu no mesmo ano em um artigo intitulado “Um tipo Especial da Escolha de Objeto Feita Pelos Homens” de 1910. Trabalho de grande relevância uma vez que nele, ao desenhar o que considerava como algumas características eróticas específicas da eleição objetual masculina, Freud postula que todo este processo seria derivado de uma única fonte: a fixação infantil e carinhosa na figura materna (SOUZA, 2006).

Mesmo estando bastante associado à teoria dos sonhos, afirmando a hipótese destes como manifestação de um desejo inconsciente, pode-se pensar também o quanto a ideia do Édipo possibilita a superação da teoria da sedução real e lança o projeto da teoria da fantasia e da sexualidade infantil. A cena edípica coloca uma situação triangular, que necessariamente exige a presença do outro, e, no texto freudiano, o problema da alteridade aparece implicitamente, pois a cena ainda se centra no eu. Neste momento da teorização parece faltar, segundo Mezan (1995), a dimensão conflitiva do Édipo.

Assim, “Totem e Tabu” (1913) representa um momento decisivo nos movimentos de teorização do Édipo. A aproximação entre neurose, povos primitivos e infância será um dos temas deste texto, onde a problemática edípica, através da

discussão sobre o horror ao incesto, constitui o ponto de contato entre os três termos. Freud fortalece sua tese sobre o Complexo de Édipo e introduz a discussão no campo antropológico (MOREIRA, 2004). No entanto o pai totêmico não representa ainda aquela que seria a relação de alteridade, pois o pai violento não interroga o outro sobre sua responsabilidade. A possibilidade de relação com a alteridade nasce com a morte do pai totêmico, em que os irmãos podem se questionar, uns aos outros, sobre sua responsabilidade. A irmandade representa o primeiro indício da possibilidade de reconhecimento da alteridade. Os irmãos são iguais entre si e sua identificação é reforçada pela presença de um ideal comum que é o pai introjetado.

Cabe aqui chamar a atenção para a questão do Complexo de Édipo estar referindo-se à situação emocional vivida pelo jovem em sua puberdade, e não aos desejos que remontariam aos primórdios da infância. O que parecia negar a possibilidade de uma escolha genital de objeto no período anterior à adolescência. Conforme Mezan (1998),

Restrita ao campo da escolha de objeto, a problemática edípica não encontra espaço para ampliar-se [...] Com o surgimento dos conceitos de narcisismo e identificação, o Édipo passa para um plano de maior destaque, pois a escolha narcisista de objeto, pelas próprias condições da constelação narcisista, reflete-se sobre o ego, enquanto a identificação, que inicialmente é identificação com os pais, introduz a possibilidade de traçar a gênese do ego, na qual paulatinamente os fatores intersubjetivos e edípicos vão assumindo o papel de molas fundamentais. É no terreno do ego que o complexo de Édipo assumirá sua significação completa, e por esta razão, estes passos iniciais da vinculação dos dois temas revestem-se de importância particular (p. 194).

Neste sentido, a menção a dois trabalhos clínicos de Freud adquire uma natureza estratégica. Um seria o Caso Schreber (1911), que forneceu bases tanto para a compreensão de um Édipo infantil quanto para o descobrimento da forma dita “negativa” do complexo. Ou seja, uma escolha narcisista e homossexual de

objeto onde reinaria o amor com o progenitor do mesmo sexo e a rivalidade com aquele do sexo oposto. Outro trabalho clínico seria *Homem dos Lobos* (1913), pautado pela coincidência entre identificação de um menino com a figura de seu pai e, simultaneamente, a eleição deste último como objeto amoroso. Acabaria por engendrar uma ambiguidade que, mais tarde, forneceria a Freud elementos para a ilustração do que viria a se chamar a forma “completa” do Édipo. Trata-se da ambiguidade entre afeto, de um lado, e rivalidade, do outro, possivelmente voltados a um progenitor do mesmo sexo (SOUZA, 2006). A introdução dos conceitos de narcisismo e identificação aos poucos forneceria novos contornos ao Complexo de Édipo, conforme expresso em *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*.

A introdução do conceito de identificação (mais remota expressão de um laço com outra pessoa) não é apenas um mecanismo psicológico, mas uma operação pela qual o indivíduo humano se constitui. Em *Luto e Melancolia* (1917), a possibilidade da divisão do ego e a questão da autocrítica, que são recorrentes no processo de melancolia, recolocam no texto freudiano a discussão sobre a instância do ideal do ego associada à consciência moral, tema que aparecerá posteriormente na figura do superego.

A problematização da ideia de identificação convida à reflexão acerca da questão do Édipo. Freud introduz neste momento a ideia do Édipo negativo apresentando uma discussão sobre a cena edípica mais complexa e completa e que traduz a transição da forte determinação biológica para o âmbito dos conflitos psicológicos. Segundo Moreira (2004), os sujeitos vivenciam o complexo de Édipo simultaneamente em suas formas positiva e negativa, pois a criança vivencia em toda a sua complexidade variadas formas de combinações identificatórias ou libidinais com os sujeitos da trama. Entretanto, é importante salientar que a identificação com o pai ou com a mãe determinará o desfecho da travessia edípica e, conseqüentemente, a escolha do pai ou da mãe como objetos catexiais libidinais. Importante considerar que as escolhas excludentes e necessárias, no declínio da situação edípica, podem não ocorrer, criando assim novas formas de sexualidade. O superego constitui um dos saldos finais dessa complexa trama, da qual o centro seria a castração.

Considerada tema central do Édipo, a castração parece ter sido melhor contemplada nos seguintes textos “A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade” (1923); “A dissolução do Complexo de Édipo” (1924); “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos”. Nestes encontra-se uma reflexão sobre as consequências da diferença entre o Édipo na menina e no menino, a consideração da angústia de castração como ponto nodal e sua resolução, e a colocação da ideia do falo como objeto do desejo. A dissolução do complexo de Édipo, para Freud, desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano, além de ser a principal temática de referência no que diz respeito às psicopatologias. Do mesmo modo, é uma chave importante para se pensar a passagem do biológico ao cultural.

Sobre a questão da preocupação com a constituição da feminilidade, a partir das diferenças e peculiaridades do conflito edípico na menina, e a importância da fase pré-edípica, encontram-se os textos “Feminilidade” (conferência XXXIII) e “Sexualidade Feminina” (1931). Neste último, no ponto IV, Freud nos fala de um exame da literatura analítica que contempla o que já havia sido apresentado por ele acerca da sexualidade feminina. Em sua crítica a respeito de tal literatura refere que, ao contrário de alguns autores, ele definiu e isolou alguns pontos com mais cuidado e, já sobre outros trabalhos, comenta que a descrição é obscurecida por terem lidado simultaneamente com os problemas do superego e do sentimento de culpa, o que ele diz ter evitado.

Dentre os autores por ele citados, encontra-se Melanie Klein com seu “deslocamento para trás” do Complexo de Édipo. Sobre Klein situar os primórdios do complexo edípico já no começo do segundo ano de vida, Freud diz que a aceitação por ele desta antecipação cronológica acarretaria, necessariamente, uma modificação em sua opinião sobre todo o restante do desenvolvimento da criança, sendo incompatível, portanto, com suas descobertas quanto à longa duração da ligação pré-edípica da menina à mãe (FREUD, 1931).

## **CONTRIBUIÇÕES DE KLEIN AO COMPLEXO DE ÉDIPO**

A psicanálise ortodoxa da época em que Klein começou seu trabalho estabeleceu que o problema nuclear de todas as neuroses era o Complexo de Édipo.



Klein nunca questionou isso, mas encarou o complexo de um ponto de vista cada vez mais divergente.

Klein nunca esteve à vontade com a teoria de Freud de que o superego era “herdeiro do Complexo de Édipo”, porque a ocasião em que ele aparecia não combinava com suas próprias observações clínicas (HINSHELWOOD, 1992). Tais observações acabaram por acrescentar modificações teóricas significativas. Ao enfatizar o conteúdo de fantasias das reações pulsionais, Klein demonstrou especialmente os componentes pré-genitais (orais e anais) das fantasias edipianas. Ela tomou isso como prova da origem precoce, pré-genital, do Complexo de Édipo.

O trabalho clínico de Klein com crianças a brincar parecia mostrar-lhe a variedade dessas fantasias, efetuando, a partir destas, quatro descobertas clínicas principais a respeito do Complexo de Édipo no período de 1919 a 1935. As etapas foram: (1) a qualidade particular do sadismo, (2) as provas clínicas de fantasias pré-genitais, (3) a concepção dos pais, e (4) a ambigüidade dos complexos de Édipo positivo e invertido. Cada uma dessas etapas foi de tal magnitude que a teoria acabou por transformar-se em outra inteiramente diferente: a teoria da posição depressiva (HINSHELWOOD, 1992).

Com intuito de clarear tais etapas, segue uma tentativa de apresentar cronologicamente o desenvolvimento teórico de Klein acerca do Complexo de Édipo. No artigo “O Desenvolvimento de uma Criança” (1921), Klein aborda a necessidade de esclarecimentos às crianças acerca de questões da ordem sexual, no intuito de protegê-las de qualquer repressão exagerada, fonte de doenças e de um possível desenvolvimento prejudicial do caráter. Assim, ainda neste artigo a autora apresenta sua leitura do caso de um menino que chamou de Fritz e pela primeira vez comenta sobre o Complexo de Édipo, que, segundo ela, passa a ocupar o primeiro plano. Klein entendia ser muito necessário e saudável à criança elucidá-la em suas questões e curiosidades sobre fenômenos desconhecidos, incluindo os do campo da sexualidade.

Em “Análise de Crianças Pequenas” (1923) e “Princípios Psicológicos da Análise de Crianças Pequenas” (1926), a autora passa a introduzir em seus escritos sua ideia de que o Complexo de Édipo ocorre muito antes do que Freud postulava. Inicialmente, considerou que o complexo já estaria presente por volta

dos dois ou três anos de idade (KLEIN, 1923), deslocando-o depois para o início do segundo ano de vida (KLEIN, 1926).

A partir destes textos também a autora argumenta que o referido complexo já podia ser percebido no desmame, desencadeado pelas frustrações que dele surgiam, manifestando-se no final do primeiro e início do segundo ano de vida. Tais frustrações são reforçadas pelas frustrações anais sofridas durante os hábitos de higiene (KLEIN, 1926, 1927). Apresenta uma concepção de superego em que este surge em uma idade bastante tenra e com uma forma severa e cruel, desenvolvendo-se lentamente até se transformar numa consciência mais normal. Ainda sobre o superego, Klein oferece uma explicação sobre o fato de o superego primitivo ser tão cruel, argumentando que a natureza rigorosa, punitiva e irreal do superego se origina dos impulsos sádicos e canibalescos da própria criança.

Opinião esta endossada por Freud em uma nota de rodapé no texto “Mal-Estar na Civilização” (1930), onde diz que “a experiência mostra, contudo, que a severidade do superego que uma criança desenvolve, de maneira nenhuma corresponde à severidade de tratamento com que ela própria se defrontou” (p. 133). Partindo desse ponto, Klein chega a uma conclusão terapêutica. A análise de uma criança não pode ser para fortalecer um superego frágil, como acreditava Anna Freud, mas sim reduzir a força excessiva de um superego primitivo.

Assim, Klein propõe modificações ao conceito de superego, porque percebia que crianças muito pequenas já expressavam a existência de um superego muito mais cruel do que o dos adultos, devido à fantasia de “punições como ser castrado, cortado em pedaços, devorado, etc.” (1927, p. 182), derivada da destruição do objeto por suas pulsões sádico-orais e sádico-anais.

Em 1928, no artigo “Estágios iniciais do conflito edipiano”, Klein reitera que o início do complexo de Édipo se dá a partir das frustrações geradas com o desmame. Começa a considerar que o complexo tem seu início em fases pré-genitais do desenvolvimento, quando o objeto ainda é parcial. Afirma que o medo da castração e o sentimento de culpa relacionado à formação do superego aparecem desde o início do complexo.

A ansiedade, ponto importante no pensamento de Klein, começa a ganhar destaque ao considerar que, para meninos e meninas, o processo inicial

das tendências edípicas provoca grandes quantidades de ansiedade, resultantes das fantasias de ataque ao corpo da mãe, o que faz emergir uma imago de uma mãe hostil, que “desmembra e castra” (KLEIN, 1928, p. 220). Esse medo da mãe é esmagador, pois, combinado a ele, vem o pavor de ser castrado pelo pai. No menino a ansiedade de castração surge dessa primeira ansiedade, abrindo espaço para o “complexo de feminilidade”, relacionado aos desejos frustrados de possuir um órgão especial, gerador da vida, assim como o da mãe. Esse desejo é, mais tarde, transformado em atitude de agressividade e desprezo em relação à figura feminina e seguido pela fantasia de “superioridade” (KLEIN, 1928, p. 220), após a descoberta de seu pênis. Quanto à menina, a ansiedade está relacionada ao medo de ter seu interior atacado pela mãe ameaçadora. Secundariamente, surge o medo de perder seu amor. A ansiedade, gerada pelo medo da menina de ter sua feminilidade devastada e do menino de perder o pênis pela ação retaliadora do pai, “colabora para refrear os impulsos edípicos” (KLEIN, 1928, p. 224).

Klein propõe a existência de processos mentais logo no início da vida, que têm como principal objetivo se apossar do conteúdo do corpo da mãe e destruí-la com todas as armas do sadismo (KLEIN, 1930, p. 251). Os ataques são na verdade direcionados ao pai e à mãe, já que em sua fantasia a vagina incorpora o pênis do pai, o que a autora nomeia figura dos pais combinados. Aqui a ansiedade põe em movimento os métodos de defesa mais arcaicos do ego, ainda anteriores à capacidade do uso da repressão inconsciente como defesa. Tendo que lidar com seu próprio sadismo e com a fantasia de retaliação do objeto, o ego se defende através do mecanismo da “expulsão” do sadismo e da “destruição” do objeto.

A ansiedade emergida nessa fase, conforme Klein, é responsável pelo início do mecanismo de identificação e faz com que a criança “iguale os órgãos” (KLEIN, 1930, p. 252) que desejou destruir (pênis, vagina, seio) a outros objetos do mundo que possam lhe ser equivalentes. Obviamente, os novos objetos escolhidos passam a ser novas fontes de perigo, uma vez que a ansiedade continua na base dessa relação, compelindo a criança a se deslocar para outros objetos e assim por diante. Essas “novas equiparações” feitas pela criança “formam a base de seu simbolismo e de seus interesses nos novos objetos” (KLEIN, 1930, p. 252).

Klein acrescentou, em 1935, que, no momento em que a grande fase do sadismo na infância começa a ser resolvida, começa uma nova relação com os objetos: um relacionamento objetal total. Então, impulsos amorosos aparecem mais no quadro e profundos remorsos e preocupação tomam a criança, que entendeu que a preocupação é o resultado de uma confluência de amor e ódio em direção à mesma pessoa (objeto), com aspectos tanto “bons” quanto “maus” (HINSHELWOOD, 1992). Klein deu a este grupo específico de relações de objeto, ansiedades e defesas o nome de posição depressiva.

No artigo “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos” de 1940, Klein completa sua exposição sobre a teoria da posição depressiva e passa a relacionar o conflito edípico ao medo da perda do objeto bom. Levando em conta suas reformulações teóricas acerca do funcionamento mental serem baseadas na interação entre amor e ódio, e mais a própria teoria das posições, Klein parece rever algumas hipóteses teóricas, corrigindo umas e abandonando outras. Entre elas, a de que o sadismo declina ao invés de crescer nos seis primeiros meses de vida, relações de objeto presentes desde o nascimento, início do complexo de Édipo na fase narcisista ou quando o sadismo está no auge, como afirmou em 1932. Ela não acreditava mais que a frustração oral do desmame libera impulsos edípicos, nem que o complexo de Édipo começa principalmente sob o impulso do ódio, como afirmou algumas vezes.

Pelo contrário, em 1945, no artigo “O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas”, passa a relacionar diretamente o complexo à posição depressiva, quando a ansiedade persecutória diminui e os sentimentos amorosos passam a ocupar o primeiro plano, pois a criança é impelida por sentimentos de amor e culpa a preservar o pai e a mãe como figura interna e externa (KLEIN, 1945). O ódio não é mais encarado como fator que dispara e fundamenta o conflito edípico. Embora entenda a privação tendo um papel importante no afastamento da criança do seio, este fica sendo um elemento secundário ao amor que impulsiona a criança em busca de novos objetos. E são estas emoções positivas, o amor da criança pelos pais e seu desejo de preservá-los, agora entendidas por Klein como motivos para que o complexo de Édipo perca sua força. Examina também uma imagem mais completa da situação edípica, pois, à medida que a criança luta

para integrar seu amor ao ódio, os impulsos sexuais ganham uma nova dimensão como um meio de reparar os efeitos da agressividade, levando ao surgimento de fantasias sexuais reparadoras importantes para a sexualidade futura.

Já em “Inveja e Gratidão” (1957), último texto em que discute o complexo de Édipo, Klein enfatiza que todo o desenvolvimento do complexo é fortemente influenciado pela intensidade da inveja, a qual determina a força da figura dos pais combinados. A influência desta figura dos pais combinados na capacidade do bebê de diferenciar o pai da mãe, e de estabelecer relações boas com cada um deles, é afetada pela força de sua inveja e pela intensidade de seu ciúme edípiano. Klein começa a enfatizar a qualidade de destruição e estrago da inveja, na medida em que esta interfere na construção de uma relação segura com o objeto bom interno e externo, solapa o sentimento de gratidão e, de muitas maneiras, obscurece a distinção entre bom e mau.

No ano seguinte, em “Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental”, Klein declarou-se, por fim, contrária a Freud: “O início do superego antecede de alguns meses o início do complexo de Édipo [...] no segundo trimestre do primeiro ano de vida, junto com o começo da posição depressiva” (KLEIN, 1958, p. 275), e é formado pelas “primeiras introjeções do seio bom e do seio mau”. Os fenômenos da posição depressiva, que começam a desenvolver-se entre três e seis meses, prosseguem daí para frente, envolvendo passos da maior importância em direção à integração psíquica. Objetos parciais são reconhecidos como partes de um objeto único, inteiro. O amor e o ódio são percebidos como sendo dirigidos ao mesmo objeto. O bebê tem um forte desejo de reparar o objeto que crê ter estragado. Klein salienta a simultaneidade entre a posição depressiva e o complexo de Édipo (ANDERSON; SEGAL, 1994).

## **O COMPLEXO DE ÉDIPO PARA BION**

Quando o pensamento de Bion chegou ao campo psicanalítico, a metodologia e o acervo conceitual da ciência criada por Freud já estavam enriquecidos pelas contribuições de muitos autores, em especial Melanie Klein pelo volume e profundidade de suas contribuições. Bion reconheceu a extraordinária importân-

cia da aplicação à psicanálise que Freud deu ao mito de Édipo, porém, se propôs a estudar outros elementos psicanalíticos contidos na narrativa e que não foram destacados por Freud nas primeiras investigações, porquanto elas foram obscurecidas pelo componente sexual do drama (BION, 1962).

Bion (2000) definiu a dimensão do mito como sendo a dimensão do “como se”, ou seja, no espaço e tempo da pré-história da mente. Sendo um defensor de construções de modelos nos quais incluía os mitos, as imagens, as metáforas, as analogias com funções fisiológicas, tinha como finalidade estabelecer uma ligação entre os processos de abstração e os de uma concretização sensorial. Segundo Bion (1962), a dimensão dos mitos deve ser entendida através do fato de que todo o mito universal é uma extensão coletiva dos mitos de que cada indivíduo, separadamente, é portador. É como se, na interpretação de Zimmerman (1995), a criação de mitos universais, como o de Édipo, tivesse, em sua essência, a função de servir como um fato selecionado, que desse expressão e coerência aos caóticos mitos privados de cada indivíduo.

Diferentemente de Freud, que estudou o mito de Édipo sob o enfoque pulsional, Bion o fez sob o enfoque do conhecimento. Ou seja, para Bion, Édipo foi punido por querer, com uma curiosidade arrogante, conhecer a verdade proibida pelos deuses (pais). Bion observa não só no mito do Édipo, mas também nos mitos do Jardim do Éden e da Torre de Babel, a mesma curiosidade arrogante. No jardim do Éden, o pai proibiu que o fruto da árvore do conhecimento fosse comido. A serpente incita a mulher a desconsiderar a interdição. A revelação do Bem e do Mal acarreta sentimentos de culpa e a expulsão do paraíso terrestre. No mito de Babel, os homens tentam entrar no reino de Jeová construindo uma imensa torre. Esta curiosidade também é punida com o banimento e com a destruição da língua comum (BION, 1962).

Bion (1962) refere usar os componentes desses mitos no sentido de quadros internos ou símbolos que fazemos para nós mesmos. Segue dizendo de seu desejo de restaurar o mito de maneira que possa desempenhar o papel vitalizador que tem desempenhado na história e na descoberta da Psicanálise de Freud. Entende o mito como objeto de investigação na análise, por constituir parte do aparelho primitivo do equipamento individual para o aprender com a experiência.

O conhecimento da criança do relacionamento entre os pais é evidente em vários relatos de Freud sobre o complexo de Édipo, culminando com sua narrativa da “cena primária” como peça central de seu caso conhecido de modo geral como “Homem dos Lobos” (1918). Considerando as “fantasias primárias” uma herança arcaica de ideias inatas, fossem elas universais, predisporiam todos nós a construir alguma versão da relação sexual dos pais incitada pela experiência e pela imaginação (FREUD, 1916). Essa noção pareceria, segundo Anderson e Segal (1994), ser uma precursora da teoria de Bion das preconcepções.

Corvo (2002), ao conceituar complexo de Édipo no dicionário da obra de Bion, nos diz que o mito apresenta dois lados, um privado, que seria a leitura individual da tragédia, como cada um a vive; e outro público, que permite sua comunicação pública. A versão privada do mito representa um elemento alfa ou preconcepção, mediante a qual o bebê é capaz de estabelecer contato com seus pais tal como eles existem no mundo real. O acasalamento do elemento alfa ou preconcepção com a realização dos pais reais dá lugar à concepção dos pais. O ataque invejoso ao casal parental leva à destruição do elemento alfa ou preconcepção, de tal forma que, não podendo ter uma concepção dos seus pais, o bebê não pode “resolver” o complexo de Édipo, porque nunca o tem constituído.

Sobre a inveja, Bion encontrou sua antítese na criatividade, e não na gratidão. Mais que pela riqueza, pelo prestígio ou pelo poder, o indivíduo invejoso interessa-se pela capacidade de dar e de manter a vida (BLÉANDONU, 1993). Seria então a conduta infanticida de Laio um sentimento de inveja de Jocasta enquanto possuidora do mais apreciado dos atributos: a capacidade de dar a vida a outro ser? Ou ainda a frustração de não poder realizar tal façanha sem a mulher? Segundo o autor, a inveja é projetada em uma figura superegoica que entrava o processo de pensamento, qualquer atividade produtiva e, por fim, a criatividade. Na medida em que não é possível pensar sem fazer ligações entre dois objetos, Bion interessou-se efetivamente pelos ataques lançados pela inveja contra o casal parental, procriador e sexual. Foi, por fim, levado a reescrever o mito edípico, de um ponto de vista que colocava o crime sexual na periferia e que encarava como crime central a arrogância com que Édipo busca a verdade a qualquer preço.

Ao contrário de Klein, para quem a relação com o seio exerce um monopólio, Bion universalizou a relação oral invejosa ao “edipificá-la”. Ao mesmo tempo, tornou o complexo de Édipo incipiente mais intelectual que libidinoso. O pequenino Édipo não vivia mais a mesma situação que o jovem Édipo de Freud. Enquanto um sentia desejos sexuais pela mãe e desejo de morte em relação ao pai, o outro vivia, a um tempo, como intratável inimigo de um casal invejado e como investigador arrogante. Um era herói de uma tragédia familiar com três personagens, ao passo que o outro encarnava solitariamente uma odisseia intelectual. Argumentando que a análise é um método para resolução intelectual dos problemas psicológicos, Bion invertia a hierarquia de valores no complexo de Édipo: a arrogância de querer a verdade a qualquer custo tendo precedência sobre a sexualidade homicida (BLÉANDONU, 1993).

Quando, tanto a tolerância à dimensão de mistério da criança por parte dos pais, quanto a difícil tolerância da criança ao mistério parental, acabam sendo sustentadas pela atividade invejosa da mente, o mistério se transforma em segredo com sua condição enigmática a ser desvendada a qualquer preço, inclusive com a morte. Pode-se pensar que o invejoso se constitui como, e por, um enigma que não suporta a dimensão do inacessível (CHUSTER; TRACHTENBERG, 2009).

Bion aborda o tema do Édipo com ênfase especial na questão da verdade. Antes de saber a verdade a seu próprio respeito, o rei de Tebas se condenou como transgressor das leis. Tírsias, o cego que sabia, ainda tentou dissuadi-lo, mas Édipo o humilhou com ironia e, arrogantemente, prosseguiu no seu intento de investigar a verdade a qualquer preço. Para Bion (apud REZENDE, 2003), orgulho associado à pulsão de morte é arrogância, associado à pulsão de vida é respeito por si mesmo. Bion, indo mais longe que Klein, reserva a designação de verdade para a experiência emocional compartilhada de maneira simbólica, isto é, na reunião dos contrários, onde se vivencia estar com a verdade se a visão de um dado objeto odiado puder unir-se à visão desse mesmo objeto quando amado, confirmando que, ao ser experimentado sob emoções distintas, é o mesmo (REZENDE, 2003).

Fazendo um exercício de avaliação do mito, ainda que incompleta, utilizando a posição horizontal da grade, Bion (1962) considera os seguintes elementos:



1) o pronunciamento do oráculo de Delfos define o tema da história e poderia ser considerado como uma hipótese definidora parecida com uma concepção, no entanto se assemelha a um elemento não saturado que se vai saturando à medida que a história vai se desenvolvendo; 2) o alerta de Tirésias poderia representar uma hipótese falsa como forma de defesa contra a angústia gerada pelos acontecimentos do mito; 3) o mito como um todo, registro da realização, que preenche a função que Freud atribuiu à notação; 4) o enigma da esfinge como uma ameaça diante da curiosidade poderia representar o conceito freudiano de atenção; 5) a conduta de Édipo, que persegue sua investigação com arrogância, poderia representar um símbolo da integridade científica ou instrumento investigador. A estes elementos se pode agregar, segundo Corvo (2002), uma série de desastres: a peste que ataca a população de Tebas; os suicídios da esfinge e de Jocasta; a cegueira de Édipo; o crime do rei.

Esta nova leitura pode inserir no centro do relato os seguintes elementos: a esfinge, que propõe um enigma e se suicida assim que uma resposta o soluciona; Tirésias, o cego, que conhece a verdade e lastima o fato de o rei sair à procura dela; o oráculo, que provoca esta busca; e, finalmente, o rei cuja busca se encerra com a cegueira e o exílio (BLÉANDONU, 1993).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS SEM CONCLUSÃO

Se para Freud o ódio da criança aos seus objetos é mais antigo que o amor, na opinião de Klein as relações objetais coexistem desde o início da vida e a inveja é inerente à fase oral. Embora tenha sido muito criticada por atribuir demasiada importância à agressividade, Klein considera, ao contrário de Freud, que o amor existe desde o princípio em conflito com o ódio. Se ambos os autores, Freud e Klein, ficaram aprisionados à dicotomia entre amor e ódio, o mesmo não aconteceu com Bion, que foi capaz de desenvolver uma verdadeira teoria psicanalítica dos afetos. Para Bion, qualquer experiência emocional é sempre um triângulo emocional que se integra por meio de alguma forma de saber (vínculo K) e a oposição clássica amor-ódio localiza-se em um mesmo lado da fronteira, e não em lados opostos.

Considerando a proposta estrutural de Freud, chama a atenção que, na tragédia edípica, o herói tebano parece não se enquadrar, pois o personagem atua o que no complexo deveria ficar somente em nível de fantasia. Por outro lado, se se enquadrasse, deveria ter-se apaixonado por Mérope e estaria fadado a eliminar Políbio, seus pais de criação. Em um primeiro momento, para fugir da profecia do oráculo, Édipo renuncia à mãe, protege o pai, sai de casa e se direciona com autonomia e independência para outro caminho. Porém, em um segundo momento, observa-se um Édipo onipotente, arrogante, com escolhas narcisistas que o fazem enfrentar e matar o ancião, enfrentar a Esfinge e buscar o trono de Tebas, casando-se com a rainha viúva.

Pode-se questionar aqui se Édipo sabia ou não a verdade sobre seus atos. Nos dois momentos parece ter empregado métodos diferentes. Estaria refletindo dois funcionamentos da sua personalidade? Estranho todas as indicações não lhe provocarem dúvidas sobre sua origem; talvez sua ignorância tenha sido possibilitada por Creonte, Jocasta ou os anciões em sua relutância em saber a verdade. Citado por Steiner (1997), Vellacott, em leitura cuidadosa do texto, sugere que Sófocles apresenta duas visões simultaneamente, o que nos permite associar com o estado mental de nossos pacientes, em que algo pode ser tanto conhecido quanto desconhecido. Édipo adota um estado mental que pode ser concebido como uma retirada psíquica da realidade, defesa contra a ansiedade e a culpa. No entanto, a realidade o alcançou, e ele foi forçado a enfrentar problemas que tinham sido tratados de forma incompleta anteriormente.

Everardo Rocha (citado por Brandão, 1995), acerca do caminho de Édipo, diz que ao visualizarmos o percurso traçado, fugindo do destino e reencontrando-o para dolorosamente cumpri-lo, podemos perceber que Édipo acaba por dar uma volta completa num círculo. Sua vida pode ser expressa num esquema circular que demonstra o paradoxo de sua existência: quanto maior a tentativa de fuga, mais próximo está o encontro.

Os fracassos da superação desse complexo são inúmeros no presente e por toda a história. A psicanálise kleiniana parece mostrar que se trata de uma batalha interminável, na medida em que são alternados, às vezes a todo instante e sem dúvida em todos os momentos cruciais da vida, entre a fragmentação e a inte-

gração, a responsabilização e a reparação, o ódio e o amor. Freud, em uma visão mais dicotômica, refere ter descoberto em sua autoanálise que vencer as batalhas edípicas pessoais pode ser tão perigoso quanto perdê-las.

Foi a partir da experiência de estudo em grupo, especialmente sobre o pensar bioniano, que o complexo de Édipo surgiu como um enigma o qual busquei aqui, dentro do limite inerente à proposta, explorar e refletir à luz dos autores psicanalíticos citados. Amparada na consistente construção teórica destes pensadores, sem pretensão de concluir qualquer ideia e/ou conceito, esta experiência me proporcionou perceber a complexidade do mito, mesmo onde parecem constantes alguns elementos, ainda assim penso ser uma constância marcada na singularidade do mito, onde os vínculos entre os vários elementos da narrativa podem ser registrados e contados psiquicamente de forma muito particular.

Penso ser importante conhecermos, enquanto analistas, nossos mitos e, principalmente, reconhecê-los a partir de que elemento escutamos e/ou falamos. Independentemente do vértice a ser considerado (a castração, as fantasias primárias ou o conhecimento da verdade), parece importante lembrar que tanto os mitos podem ser ampliados e modificados a partir do nosso espaço mental, como seus personagens, com suas múltiplas interações, serem utilizados na busca de uma ampliação de continente mental.

O mito de Édipo tem merecidamente recebido múltiplas interpretações e tem sempre alguma coisa que ainda não foi dita. Parece sempre crescer e transmutar-se em um novo mito. Se Édipo decifrou o enigma da Esfinge, o homem ainda não conseguiu desvendar o enigma de Édipo.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, R.; SEGAL, H. A situação edípica e a posição depressiva. In: \_\_\_\_\_. **Conferências clínicas sobre Klein e Bion**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

AZOUBEL NETO, D. **Mito e Psicanálise**: estudos Psicanalíticos sobre formas primitivas de pensamento. Campinas: Papirus, 1993.

BION, W R. (1962). **Elementos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. (2000). **Cogitações**. Rio de Janeiro: Imago.

BLÉANDONU, G. O Édipo intelectual. In: \_\_\_\_\_. **Wilfred R. Bion: a vida e a obra**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

\_\_\_\_\_. A epistemologia genética. In: \_\_\_\_\_. **Wilfred R. Bion: a vida e a obra**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BRANDÃO, J.S. Os labdácidas: o mito de Édipo. In: \_\_\_\_\_. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CHUSTER, A.; TRACHTENBERG, R. A inveja no Édipo. In: \_\_\_\_\_. **As sete invejas capitais: uma leitura psicanalítica contemporânea sobre a complexidade do mal**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CORVO, R. E. L. **Diccionario de la obra de Wilfred R. Bion**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2002.

FREUD, S. (1900) A interpretação dos sonhos. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 4).

\_\_\_\_\_. (1913). Totem e Tabu. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 13).

\_\_\_\_\_. (1916). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 3).

\_\_\_\_\_. (1916-1917[1915-1917]). Conferências introdutórias sobre psicanálise (XXIII). In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 3).

\_\_\_\_\_. (1917[1915]). Luto e melancolia. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 14).

\_\_\_\_\_. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 18).

\_\_\_\_\_. (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 21).

\_\_\_\_\_. (1950). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 3).

HINSHELWOOD, R. D. **Dicionário do pensamento Kleiniano**. Tradução de José Octavio de Aguar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

KLEIN, M. (1921). O desenvolvimento de uma criança. In: \_\_\_\_\_. **Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1923). A análise de crianças pequenas. In: \_\_\_\_\_. **Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1926). Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas. In: \_\_\_\_\_. **Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1927). Simpósio sobre análise de crianças. In: \_\_\_\_\_. **Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1928). Estágios iniciais do conflito edípiano. In: \_\_\_\_\_. **Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1930). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In: \_\_\_\_\_. **Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: \_\_\_\_\_. **Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1940). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: \_\_\_\_\_. **Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1945). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. **Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1957). Inveja e gratidão. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e gratidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

\_\_\_\_\_. (1958). Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e gratidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MEZAN, R. A vingança da esfinge. In: \_\_\_\_\_. **A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 140-167.

\_\_\_\_\_. A árvore da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Freud: a trama dos conceitos**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 151-250.

MOREIRA, J. O. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, 2004.

REZENDE, A. M. Depois de Freud, Bion nos ajuda a trabalhar com Édipo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 37, n. 2-3, p. 539-546, 2003.

SOUZA, M. R. A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 135-155, 2006.

STEINER, J. Dois tipos de organização patológica em Édipo Rei e em Édipo em Colona. In: \_\_\_\_\_. **Refúgios Psíquicos: organizações patológicas em pacientes psicóticos**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

ZIMERMAN, D. **Bion, da teoria a prática. Uma leitura didática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

## **The Oedipus Complex and its multiple interpretations**

### **Abstract:**

This study is an exercise in understanding the Oedipus Complex in Psychoanalysis. Believing that the Oedipus Complex is universal and the main structurer of the human psyche, Freud seems to have found here the main base for building the theoretical edifice of psychoanalysis. However, today, a growing importance to the earliest stages of human development has been intensified since the contributions of Melanie Klein, including about the Oedipus Complex. Thus, it comes the desire to investigate the studies of Oedipus, his discovery and application by Freud, as well as sexual matter as we know it, passing the study of chronological anticipation of the oedipal period proposed by Klein and including Bion's thought, who studied other elements in the narrative. It is proposed to think about the evolution of the Oedipus Complex's concept and its theoretical relevance from these authors perspective.

**Keywords:** Oedipus Complex. Freud. Klein. Bion.